

Religião, Sociedade e Gênero na República Romana Tardia: O Culto de Vesta

Ana Carolina Caldeira Alonso*

A religião romana esteve intimamente ligada aos princípios que nortearam e serviram de base para a sociedade romana. A ausência de uma distinção entre a religião e outros meios da vida romana como o político, o jurídico e o familiar, traz ao historiador moderno, acostumado com a separação entre a religião e as demais esferas do cotidiano, uma dificuldade a mais de entender a sociedade romana no final da República.¹

A religião tem um papel decisivo na formação das identidades, individuais ou coletivas, no caso romano, os mais variados aspectos da vida em sociedade têm como base a religião. A religião romana estava marcada por uma extrema ritualização que permitia a ordenação e conformação da ordem social destacando e atribuindo papéis e funções aos distintos agentes dentro da comunidade.

Podemos ainda, enumerar outras características do que se convencionou chamar de “religião Romana”. Apesar de extremamente voltada para a tradição, a religião era aberta a novos cidadãos e deuses possibilitando sua interação com novos elementos; constituía-se em uma religião politeísta em que os deuses faziam parte da comunidade; a crença estava separada da prática religiosa, não possuía um dogma, doutrina ou mesmo um código moral a ser seguido; as posições dentro da religião romana estavam ligadas a posição social e política, dessa forma, decisões de cunho espiritual não influenciavam o lugar religioso do indivíduo na sociedade, como explicitado por John Scheid “*Se uma pessoa mudasse de status, era lógico que ela também mudasse de religião*” (SCHEID, 2003: 19)

Dessa forma, os rituais estabeleciam os lugares sociais do indivíduo na sociedade, especialmente aqueles ligados a distinção entre os papéis femininos e masculinos, por isso, o estudo da concepção de gênero é fundamental para a

* Mestranda do PPGH/UERJ, orientanda da Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido, projeto de pesquisa intitulado *Vmbilicus urbis Romae: O culto de Vesta no contexto das instituições religiosas da República Romana Tardia*, bolsista CAPES/DS, ana_carolina_ca@hotmail.com

¹Cf. a respeito da religião romana: SCHEID, Jonh. *An introduction to Roman Religion*. Indiana University Press, USA, 2003. BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome: A history*. Cambridge: University Press, 1998.

compreensão dos ritos religiosos romanos ou, ainda, segundo Ursula King “Sem a aplicação incisiva da categoria de gênero, não é mais possível descrever, analisar ou explicar qualquer religião.” (KING, 2004: p. 72)

Assim, a religião romana ao estabelecer sua ordem interna de funcionamento, através de mitos e rituais mágicos, permite uma transposição de suas características para a vida social romana, ou seja, a religião auxilia e reforça a ordem social através da instituição da naturalização das diferenças entre homens e mulheres e seus papéis. Dessa forma, a inserção do indivíduo numa realidade que gere uma ordem social, acaba por resultar em um laço social que atrela sua mente ao modelo estabelecido. (DOUGLAS, 2002)

Ao percebermos o papel da religião dentro da sociedade romana podemos conceber sua influência sob a identidade e percebê-la como um dos elementos responsáveis por instituir a diferença, mais precisamente a diferença que tange o *status* feminino e masculino das virgens vestais, além de sua condição social. Para Bourdieu “A instituição [nesse caso a religião romana] é um ato de magia social capaz de criar a diferença, (...) de explorar de alguma maneira as diferenças preexistentes, como as diferenças biológicas entre sexo (...)” (BOURDIEU, 2008: p. 100) Mary Douglas exemplifica a questão: “A natural distinção entre os sexos especializa as mulheres no que diz respeito à gestação e criação dos filhos.” (DOUGLAS, 2007: p. 61) A naturalização da diferença a transforma numa segunda natureza sob a forma de *habitus*. (BOURDIEU, 2000)

Um exemplo latente dessas distinções de gênero dentro da religião romana é o do culto à deusa Vesta que consiste em um dos cultos mais arcaicos de Roma. Voltado essencialmente para as mulheres, o culto de Vesta tem relação direta com o estabelecimento de ordens políticas e sociais em Roma. O presente trabalho tem como temática o culto de Vesta, suas sacerdotisas, as Virgem Vestais, e os rituais que era realizados por elas durante o ano cívico romano. Esses elementos serão abordados a partir da leitura e análise das documentação literárias antiga escrita pelos intelectuais romanos do período tardo-republicano, ou seja, os séculos I a.C ao I d.C.

Em vista da longevidade do culto de Vesta², somos forçados a nos reportar a períodos e autores que extrapolam nossa delimitação cronológica. Contudo, o período tardo-republicano nos parece mais adequado posto ser aquele em que não apenas a documentação é mais abundante, como se configura por um cenário de transformações nas instituições romanas, com a passagem da República para o Império.

O que devemos ter em mente é que a documentação que possuímos a respeito do culto de Vesta, ao menos aquela de cunho literário, trata-se de relatos da história romana.³ Grande parte dos escritos que chegaram aos nossos dias e que concernem ao culto fazem referência ou ao período arcaico da história romana, desde sua fundação, até a Segunda Guerra Púnica, no período compreendido entre o final desta guerra, ou ao período entre o fim desta guerra e o I século d.C., sendo esse último período aquele em que a documentação que possuímos é, ou quase é, contemporânea.

Através do culto de Vesta podemos delinear a organização da religião romana, que se encontra em foco nas pesquisas de muitos historiadores e arqueólogos atualmente, encontramos de forma recorrente, diversos autores que lidam com essa temática e ainda, mais especificamente, com o tema que buscamos circunscrever: o culto de Vesta no âmbito das instituições religiosas romanas.⁴

² É impossível precisar a data de início do culto, no entanto, sabemos que ele pode ser até mesmo anterior a própria fundação da cidade de Roma, se estendendo até o governo de Teodósio, que decreta o fim do culto em 394 d.C, como parte das reformas do código Teodosiano.

³ Alguns exemplos dessa documentação são: LIVIUS, Titus. *The History of Rome*. v. 1. Disponível em: <http://etext.lib.virginia.edu/etcbin/browse-mixed-new?id=Liv1His&tag=public&images=images/modeng&data=/texts/english/modeng/parsed> Consultado em 19/01/2011. PLUTARCH. *Lives*. Licurgus and Numa. Trad. Bernadotte Perrin. London/ Massachusetts/ Cambridge: William Heinemann e Harvard University Press, 1988. PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Tradução Delfim F. Leão; Maria Isabel Fialho. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008. PLUTARCH. *Lives*. Themistocles and Camillus. Trad. Bernadotte Perrin. London/ Massachusetts/ Cambridge: William Heinemann e Harvard University Press, 1988.

⁴ Cf. a respeito do culto de Vesta e da organização das instituições religiosas romanas, tal como o colégio dos pontífices: HAEPEREN, Françoise Van; MEKACHER, Nina. Le choix des Vestales, miroir d'une société en évolution (IIIèmes. a. C. - Ier s. p. C.) In: *Revue de l'histoire des religions*, tome 220 n°1, 2003. pp. 63-80. LOVISI, Claire. Vestale, incestus et juridiction pontificale sous la République romaine. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité T. 110, N°2*. 1998. pp. 699-735. NORTH, John. The Constitution of the Roman Republic. In ROSENSTEINAND, Nathan; MORSTEIN-MARX, Robert. *A Companion to the Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing, 2006. POMEROY, Sarah B. *Goddesses, whores, wives and slaves; woman in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1979. TAKÁCS, Sarolta A. *Sibyls and Matrons. Women in Roman Religion*. University of Texas Press, 2008.

Devemos ressaltar que o estudo que pretendemos realizar concentra-se nos relatos e crenças romanas, do período tardo-republicano, como os conhecemos através dos intelectuais do período, ou seja, as impressões do período sobre o culto, não constituído assim, um relato exato de como era o culto de Vesta e suas atividades nos primórdios de Roma. Os discursos da documentação selecionada serão analisados enquanto a perspectiva desses autores sobre o culto e suas projeções em seu próprio tempo.

Os rituais realizados pelos sacerdotes durante o ano cívico romano ajudavam a marcar o tempo e inseriam a população e a religião dentro de um ritmo que mesclava as atividades políticas com os festivais religiosos. Segundo Norma Mendes e Airan Borges “(...) os sacerdotes passaram a ter um importantíssimo controle social do tempo e, ao lado dos três flâmines (de Marte, de Júpiter e de Quirino), dos augures e das vestais, foram os responsáveis pela organização da religião romana antiga.” (MENDES & BORGES, 2008: p. 81) A seqüência dos festivais religiosos ajudou a definir o calendário e a ditar um ritmo religioso básico para o ano.

O início do ano agrícola e guerreiro romano se dava no mês de março, dedicado ao deus Marte, assim esse mês e seus festivais religiosos são extremamente importantes dentro da marcação do tempo romano, pois é nele que se inicia o ano agrário da reprodução e da guerra e o ano civil. (RUPKE, 2004: p. 179) Essas características do ano romano podem ser diretamente relacionadas aos papéis femininos – como mãe e responsável pela reprodução e geração de novos cidadãos – e masculinos – com a representação do início das guerras e associação do homem ao guerreiro. Esse mês é marcado pela atuação de dois grupos de sacerdotes, as Vestais – filhas do *Rex sacrorum* - e os Sálios – filhos do *Rex sacrorum*, nos rituais religiosos, assim como a notável interação social e religiosa entre os rituais masculinos e femininos.

Dessa forma, percebemos a importância da atuação das Vestais nos rituais religiosos romanos durante todo o calendário cívico, tendo em vista sua posição central dentro das instituições religiosas e políticas romanas. Esses ritos, assim como seu desenvolvimento no calendário, serviam como representações dos princípios familiares, guerreiros e sociais romanos. Durante esses festivais eram reiterados os papéis femininos e masculinos, assim consolida-se a importância desse mês dentro do

calendário romano, pois, a partir dessas festas eram demarcadas identidades diretamente relacionadas ao gênero, aonde cada uma das partes percebia seu lugar na vida religiosa e política.

Dessa forma, as atribuições das Vestais incluíam os seguintes deveres:

As vestais, sacerdotisas romanas, tinham como tarefa principal o cuidado e a proteção do lar público que se encontrava no santuário de Vesta. Essas, pertenciam ao colégio dos pontífices, responsáveis pelos sacras. De tal forma que suas semelhanças com esses sacerdotes aparecem durante certos sacrifícios, mas também em relação a suas obrigações de incestus: tão logo uma Vestal era suspeita de ter rompido a obrigação de virgindade inerente a seu sacerdócio, ela era alvo de um inquérito dos pontífices, que a condenaria a ser sepultada viva se fosse reconhecida como culpada. (HAEPEREN, 2003: p. 63)

Sobre as atribuições das Virgens Vestais, nos deparamos com um quadro explicativo onde constam os papéis de diversos sacerdotes na República, realizado pelo historiador inglês John North (NORTH, 2005: p. 268). Nesse quadro, as *Virgines Vestales* aparecem como membros do colégio pontifical, como um grupo de seis indivíduos, tendo como função manter o culto à deusa Vesta, incluindo a lareira sagrada e deveres ritualísticos em diversos festivais, North observa que o trabalho das Vestais era realizado em tempo integral e estava embutido de certos privilégios.

Para exemplificar a questão, ainda no primeiro livro de sua História de Roma, Tito Livio nos apresenta sua versão para o surgimento de Virgens Vestais em Roma, segundo ele, Numa foi o responsável pela instituição de alguns sacerdócios como, por exemplo, a posição de flâmine de Jupiter e a de Virgem Vestal, ele explica a questão na seguinte passagem:

Além disso, escolheu virgens para o culto de Vesta, sacerdócio oriundo de Alba, que era conhecido pela família do fundador de Roma; para que as sacerdotisas pudessem dispensar cuidados freqüentes ao templo, estabeleceu-lhes uma remuneração fornecida pelo estado, e tornou-as, com voto de castidade e com outras cerimônias veneráveis e sagradas. (TITO LÍVIO. História de Roma, v. XX)

A partir do trecho citado, podemos problematizar a respeito da seguinte questão: o pagamento realizado pelo serviço de sacerdócio. De acordo com Sarolta Takacs as vestais recebiam uma soma ao entrarem para o sacerdócio e recebiam também uma soma anual pelos seus serviços e que essas somas sofriam reajustes. Ela aponta também que essa soma, chegou a dois milhões de sestércios e, para termos uma melhor noção do que esse valor representava, a autora indica que os vencimentos de um senador, cargo mais alto do estado, não ultrapassavam cerca de um milhão de sestércios. (TAKÁCS, 2008: 81) Para Jane Gardner essa soma era “*talvez um tipo de peculium (Dinheiro ou propriedade administrada mais ou menos por conta própria por uma pessoa incapaz de obter propriedade legal) para compensar a perda de patrimônio*”. (GARDNER apud TAKÁCS, 2008, p. 164)

Elas eram então privadas de possuírem bens próprios devido a sua condição legal em Roma, eram emancipadas e não mais estavam submetidas ao *parter* família, isso não significava que estavam livres, pois passavam a responder ao *pontifex maximus* “Ele era também o supervisor das virgens sagradas, chamadas de Vestais” (PLUTARCH. *Lives*. Licurgus and Numa. IX. 3-6. v. IX), ou seja, o pai deixava de ter controle sobre a menina (*potesta*) e, assim como outros que eram emancipados, elas perdiam seus direitos de sucessão e de herança. É interessante ressaltar que em caso de morte da vestal não havia herdeiros, seus bens eram destinados ao tesouro público.

Destarte, percebemos a atuação das Virgens Vestais dentro da conformação da ordem social romana e suas atribuições de caráter simbólico para a sociedade e, conseqüentemente, para os distintos lugares sociais de homens e mulheres nesta sociedade. Buscamos tratar da ação ritualizada desempenhada pelas Vestais em uma sociedade andro cêntrica e guerreira, aonde as mulheres, contudo, possuíam um lugar fundamental na ordem romana, garantindo a manutenção do ordenamento social a partir da religião.

Bibliografia

- ALFÖLDY, Géza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Papirus Editora: São Paulo, 1994.
- BEARD, Mary. “The Sexual Status of Vestal Virgins”. In: *The Journal of Roman Studies*, v. 70, pp. 12-27, 1980.
- BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. *Religions of Rome: A history*. Cambridge: University Press, 1998.
- BELEBONI, Renata Cardoso. “Abordagens em História Antiga”. In: *Phônix*, Sette Letras, Rio de Janeiro, v. 8, 2002. pp. 359-371.
- BELTRÃO, Claudia. “De haruspicum responso: religião e política em Cícero”. In: *Revista Mirabilia*, n.3. 2001. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num3/artigos/art2.htm> Consultado em 07/10/2010
- _____. “A Religião na urbs”. In: MENDES, N.; SILVA, G. (org.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- _____. “Tirocinium Fori: “O orador e a criação de ‘homens’ no Forum Romanum”. In: *Phônix*, Rio de Janeiro: Sette Letras, pp. 52-66, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. “Os ritos de instituição”, In *A Economia das trocas lingüísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- BROWN, Frank E. *Roman Architecture*. New York: George Braziller, 1961.
- CANDIDO, Maria Regina. *Karameikos: lugar antropológico dos praticantes da magia em Atenas*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2010.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um Historiador Fala de Teoria e Metodologia*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger. An analysis of the concepts of Pollution and Taboo*. London-NY: Routledge and Kegan Paul, 2002.
- FINLEY, M. “Generalizações em História Antiga”. In: *O uso e abuso da História*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1998.
- FUNARI, Pedro. Resenha de HAWLEY, Richard & LEVICK, Barbara, (eds.) *Women in Antiquity: new assessments*. Londres: Routledge, 1995.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Ed. 70, 1999.
- _____. *A Civilização Romana*. Tradução: Isabel St. Aubyn. Paris: Les Éditions Arthaus, 1984.

HAEPEREN, Françoise Van; MEKACHER, Nina. Le choix des Vestales, miroir d'une société en évolution (IIIèmes. a. C. - Ier s. p. C.) In: *Revue de l'histoire des religions*, tome 220 n°1, 2003. pp. 63-80.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

_____. “A centralidade da cultura”, in *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, UFRGS, vol. 22, no 2. pp. 15-45.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica: grega e latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HORVAT, Patricia. “O templo de Vesta e a idéia Romana de centro do mundo”. In: *Phoênix*, Rio de Janeiro: Sette Letras, pp. 280-291, 2007.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Rio de Janeiro: Editora Papirus, 2004.

KING, Ursula. Religion and Gender: Embledded patterns, interwoven frameworks. In: MEDDE, T.A; WIERNER-HANKS, M.E. (edd). *A Companion to Gender History*. The Blackwell Publishing, 2004. pp. 70 - 85

LINDNER, M. *The Vestal Virgins and their Imperial Patrons: Sculptures and Inscriptions from the Atrium Vestae in the Roman Forum*. Ann Arbor, 1995.

LOVISI, Claire. Vestale, incestus et jurisdiction pontificale sous la République romaine. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité T. 110, N°2*. 1998. pp. 699-735.

MENDES, Norma; SILVA, Gilvan. (Org.). *Repensando o Império Romano: perspectivas socio-econômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad Editora-EDUFES, 2006.

NORTH, John. The Constitution of the Roman Republic. In ROSENSTEINAND, Nathan; MORSTEIN-MARX, Robert. *A Companion to the Roman Republic*. Oxford: Blackwell Publishing. 2006.

PAILLER, Jean-Marie. La vierge et le serpent. De la trivalence à l'ambiguïté. In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Antiquité*. T. 109, N°2. 1997. pp. 513-575.

POMEROY, Sarah B. *Goddesses, whores, wives and slaves; woman in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1979.

ROBINSON, O.F. (Olivia F.). *Ancient Rome: city planning and administration*.—New edn, 1994.

SCHEID, Jonh. *An introduction to Roman Religion*. Indiana University Press, USA, 2003.

_____. “O Sacerdote”. In: GIARDINA, A. (Org.). *O Homem Romano*. Lisboa: Editora Presença, 1991.

TAKÁCS, Sarolta A. *Sibyls and Matrons. Women in Roman Religion*. University of Texas Press, 2008.

TURCAN, R. *Cults of the Roman Empire*. Oxford: Blackwell Publishing, 1996.

VERNANT, J- P. *Mito e sociedade na Grécia Antiga*. Rio de Janeiro: José Olympo Editora, 1999.

_____. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2006.

VEYNE, Paul. “*Humanitas: Romanos e Não Romanos*”. In: GIARDINA, Andrea. *O Homem Romano*. Lisboa: Presença, 1992.

WARD-PERKINS, John. *History of World Architecture: Roman Architecture*. London: Electra, 2004.

WHEELER, Mortimer. *Roman Art and Architecture*. Londres: Thames and Hudson, 1964.

WILDFANG, R. L. *Rome’s Vestal Virgins. A Study of Rome’s Vestal Priestesses in the Late Republic and Early Empire*. London, 2006.